

“A MECÂNICA DAS BORBOLETAS”

Walter Daguerre

a peça se passa numa cidade pequena ao sul do Brasil. Época atual.

Cenário único dividido em três partes: oficina mecânica, cozinha e jardim. A oficina é colada à cozinha. De ambos os lados deve-se ter acesso ao jardim.

Personagens:

RÔMULO e REMO. Irmãos gêmeos de 35 anos. São na verdade bastante diferentes um do outro, opostos na maioria dos aspectos.

Rômulo tem estrutura física frágil, porém é extremamente sedutor no jeito de falar e de se portar. Fuma, bebe e já experimentou todo tipo de psicotrópicos. Desde que saiu de casa, aos 15 anos, morou em diversos países e se tornou escritor de literatura SciFi.

Remo é corpulento, sério, não fuma, nem bebe. Trabalha na oficina mecânica herdada do pai e se exercita regularmente. Nunca saiu de sua cidade, é casado com Liza e mora com ela e sua mãe.

LIZA, 34 anos, casada com Remo. É veterinária, trabalha na fazenda da família de sua mãe, mas tem se dedicado à cooperativa para manufatura de lã que quer montar com mulheres locais. De estrutura física forte e pouco afeita a vaidades.

ROSÁLIA, 65 anos. Mãe de Rômulo e Remo, vive um quadro de demência desde que seu marido morreu, há 17 anos. Veste-se com sobriedade religiosa e passa a maior parte do tempo cuidando do jardim, tricotando ou vendo televisão.

PRÓLOGO

Jardim.

Rosália está cuidando e conversando com suas flores.

ROSÁLIA

Hoje você está um pouco tristonha. Por quê? Eu não te dei água suficiente? Algum bichinho te fez mal? Olha só pras suas irmãzinhas! Olha como elas estão alegres...

Vê uma dupla de borboletas passeando a sua volta.

ROSÁLIA

Que lindas essas borboletas azuis. Elas estão sempre aos pares. Há muito tempo que eu não vejo uma dessas por aqui. Também, com um jardim bonito desses. Como era mesmo que você dizia, Otto? "A gente não tem que correr atrás das borboletas, minha Rosa, a gente tem é que cuidar do jardim que aí elas aparecem".

Ela olha para o céu.

ROSÁLIA

Um vento de repente. Eu, hein! Arrepiei toda. (t) Você está querendo me dizer alguma coisa, Otto? Hein?

Volta a olhar para o céu.

CENA 1

Cozinha.

Liza mexe o conteúdo de uma panela com uma colher de pau. Prova a comida. Tapa a panela, desliga o fogo.

Oficina mecânica.

Remo está debaixo de um antigo Chevrolet. Ele escorrega para fora, levanta-se, tira uma estopa do bolso de trás de seu macacão. Enquanto limpa as mãos, olha fixamente para a moto que está parcialmente coberta por uma lona.

Liza até a oficina e percebe que Remo está olhando para a moto. Ela tira o avental e o joga no chão. Abraça Remo por trás, pega sua boca com uma das mãos e o beija. Ela abre a porta do Chevrolet...

REMO

Liza...

... e empurra Remo para dentro. Em seguida, entra também. Ela tira a blusa e deita sobre Remo. Ela o beija inúmeras vezes. Ele não esboça reação. Ela desiste; sai do carro e recoloca sua blusa.

LIZA

A comida está pronta.

Ela vai para a cozinha.

Remo sai do carro e se ajeita. Cobre o restante da moto com a lona e vai para a cozinha.

LIZA

Você precisa de ajuda.

REMO

É só uma fase.

LIZA

Você já disse isso antes. E já faz um bom tempo.

Ela tira a panela do fogão e a coloca sobre a mesa.

LIZA

Senta.

Remo se senta.

REMO

Deve ser esses sonhos que eu ando tendo.

LIZA

Que sonhos?

REMO

Uns sonhos.

LIZA

De que tipo?

REMO

Sei lá, não lembro.

LIZA

Você precisa falar as coisas – tirar elas de dentro de você. Você precisa de ajuda.

REMO

Eu sei me virar sozinho.

LIZA

Até bicho tem médico de cabeça.

REMO

Eu não estou maluco!

LIZA

A gente não tem que ir no dentista só quando sente dor de dente, não; tem que ir pra não sentir dor de dente. Entende a diferença?

Remo pega o prato.

REMO

Me serve?

LIZA

Vai lavar as mãos.

REMO

Limpei na estopa.

LIZA

Ou se lava, ou não come.

Remo se levanta com preguiça. Vê um xale de lã pendura numa das cadeiras. Pega o xale.

REMO

Bonito. Você que fez?

Liza tira o xale das mãos de Remo.

LIZA

Vai sujar ele todo de graxa.

Remo lava as mãos na pia.

LIZA

Sua mãe.

REMO

É?!?

LIZA

Tricotou sozinha – nem demorou. Um talento.

Remo seca as mãos no macacão e se senta.

Liza abre a tampa da panela.

REMO

Pode encher o prato.

LIZA

Vou no jardim chamar sua mãe.

REMO

Ela não vem.

LIZA

Deve estar faminta.

REMO

Esqueceu que dia é hoje?

LIZA

16 de junho... Não tinha me dado conta.

Liza serve o prato de Remo, que começa imediatamente a comer. Em seguida ela se serve e come.

LIZA

Dona Rosália vai ser uma das minhas operárias. Sabe quantas mulheres já se candidataram pro trabalho? Vinte. Nenhuma delas nunca teve qualquer tipo de renda. Acho que eu vou chorar muito quando tiver colocando na mão delas o primeiro pagamento.

REMO

Quanto cada uma vai ganhar?

LIZA

Vai depender das vendas – é uma cooperativa. No início deve render pouco. Mas é um pouco que elas nunca tiveram. Com o tempo a coisa vai melhorando. Você já pensou na minha proposta?

REMO

Que proposta?

LIZA

De ser o meu gerente.

REMO

E quem cuida da oficina?

LIZA

Não precisa ser em tempo integral, você pode fazer quatro horas por dia na cooperativa. Quando a gente tiver bastante encomenda você nem vai precisar mais trabalhar como mecânico.

Remo estica o prato para Liza. Ela o serve de mais sopa.

REMO

Eu não sou mecânico por falta de opção. Sou mecânico porque quero. Gosto de máquinas, sempre gostei.

LIZA

E seu pai era mecânico.

REMO

Mas eu não precisava ter sido. Eu quis ser.

LIZA

É, mas como o seu pai tinha essa oficina era natural que você...

REMO

Não tem nada de natural nisso! As pessoas decidem o que querem fazer da vida e fazem. Não é um mandamento de Deus, não é destino – não tem nada de natural nisso.

LIZA

Não precisa ficar assim.

REMO

Você fala de um jeito.

LIZA

É só a vontade da gente ter um projeto de vida juntos.

REMO

A gente já tem: a gente é casado, tem uma casa, eu tenho meu trabalho, você tem o seu, daqui a pouco a gente vai ter filho...

LIZA

Filho?! A gente vai ter filho?!

REMO

Na hora certa vai, já te disse.

LIZA

Que hora certa é essa?

REMO

Não quero falar sobre isso agora.

LIZA

Você nunca quer falar sobre isso – você nunca quer falar sobre nada.

Remo soca a mesa.

Liza se levanta e pega uma garrafa d'água na geladeira. Serve-se. Bebe.

LIZA

Do jeito que a coisa está eu só vou engravidar no dia que o Espírito Santo baixar aqui na Terra.

Rômulo surge na porta da cozinha. Está de mochila, óculos escuros e um cigarro pendurado no canto da boca.

Liza derruba o copo no chão.

Remo pára de comer, limpa a boca com as costas da mão e passa a olhar fixamente para Rômulo.

Silêncio.

Liza olha para Remo, que não tira os olhos de Rômulo. Ela pega prato e colher e os coloca na outra ponta da mesa, de frente para Remo.

Rômulo tira a mochila das costas e a coloca num canto da cozinha. Tira os óculos escuros e dá uma última tragada em seu cigarro. Vai até a pia, apaga e joga fora o cigarro. Lava as mãos. Senta-se.

Liza serve um prato de sopa a Rômulo. Ele toma a sopa. Liza e Remo voltam a tomar a sopa, Remo olhando para Rômulo, Liza olhando para ambos.

VOZ DE ROSÁLIA

Bruxa!

Liza e Remo têm um sobressalto. Liza corre pra fora da cozinha. Remo levanta Rômulo violentamente pelo braço e o conduz para um canto da oficina.

RÔMULO

O que é que...

REMO

Você fica aqui.

RÔMULO

Pelo menos eu posso...

REMO

Espera eu te chamar. Se você sair antes, eu te mato.

Rômulo se choca com a violência de Remo.

Rosália entra na cozinha com Liza logo atrás.

ROSÁLIA

A vassoura. Eu preciso da vassoura.

Remo volta para a cozinha.

REMO

O que foi, mãe?

LIZA

Ela diz que tem uma mariposa no quarto.

Rosália pega a vassoura.

ROSÁLIA

Eu odeio esse bicho. Borboleta eu gosto, bruxa não, é sinal de mau agouro.

Rosália sai. Liza olha para Remo que faz sinal com a cabeça para que ela acompanhe a mãe. Liza sai.

REMO

Pode vir.

Rômulo volta à cozinha.

RÔMULO

Era a mãe?

Remo não responde.

RÔMULO

Ela sempre foi supersticiosa.

Rômulo volta a se sentar para comer.

REMO

O que é que você sabe disso?

RÔMULO

Eu lembro.

REMO
Você lembra?

RÔMULO
Eu lembro.

REMO
E o que mais você lembra?

RÔMULO
Eu lembro de muita coisa.

Liza volta com a vassoura.

LIZA
Dormiu.

RÔMULO
Matou a bruxa?

LIZA
Não pode matar, só espantar.

RÔMULO
Você acredita nessas coisas também?

LIZA
Dona Rosália quem disse. Mas não era mariposa, era só uma sombra.

RÔMULO
Que bom. Estava começando a achar que o mau agouro era eu. Tem um pãozinho?

Remo puxa Rômulo violentamente pela gola.

REMO
O que é que você veio fazer aqui?

RÔMULO
Cara, você virou um menino muito forte, toma cuidado porque você pode acabar machucando alguém sem querer.

REMO
Responde.

LIZA
Remo!

Remo joga Rômulo de volta para a cadeira.

RÔMULO

A boa e velha hospitalidade do sul.

REMO

O que você veio fazer aqui, Rômulo?

RÔMULO

Há quanto tempo eu não ouço esse nome...

LIZA

O seu nome?

REMO

Vai embora agora.

RÔMULO

Eu não vou embora – acabei de chegar. Vim pra ver vocês, quero falar com a mãe, ver o pai.

REMO

Ver o pai... Você quer ver o pai?

Remo pega Rômulo novamente pelo braço, com violência, e o levanta.

LIZA

Remo!

Remo arrasta Rômulo através da oficina.

RÔMULO

Cara, você está me machucando de verdade.

LIZA

O que você vai fazer, Remo?

REMO

Vou levar ele pra ver o pai.

Chegam até o jardim.

LIZA

Não faz isso!

Remo força Rômulo a se ajoelhar diante do jardim.

REMO

Fala!

RÔMULO

Escuta, cara...

REMO

Fala com o pai! Não é isso o que você quer? Fala e depois desaparece daqui – dessa vez pra sempre.

RÔMULO

Juro que não estou entendendo.

LIZA

Seu pai está morto, Rômulo.

Silêncio.

LIZA

As cinzas dele foram jogadas nesse jardim. Sua última vontade.

Rômulo, atordoado, se levanta e corre em direção a sua mochila, que está na cozinha.

Liza abraça Remo.

Rômulo pega uma garrafa de Jack Daniels de dentro dela e dá um grande gole na bebida. Caminha até a mesa da cozinha, pousa a garrafa, apóia as duas mãos na mesa e abaixa a cabeça. Toma mais um gole e desaba numa cadeira.

Rosália entra na cozinha.

ROSÁLIA

É preciso limpar muito bem os móveis, ou então o pó toma conta de tudo.

LIZA

Sua mãe!

Liza e Remo correm em direção à cozinha.

Rosália estaca ao ver Rômulo, que não sabe como reagir.

Liza e Remo também sem reação.

ROSÁLIA

São Lázaro, rogai por mim e por meus irmãos.

Rosália cai desmaiada.

Liza e Remo correm para acudi-la.

CENA 2

Jardim.

Rômulo está de pé olhando para as flores. Depois de algum tempo, ele tira uma caderneta Moleskine e uma caneta de seu bolso e faz uma anotação. Lê o que escreveu. Rabisca com vigor.

Liza aparece. Fica ao seu lado também olhando as flores.

Rômulo guarda o caderno e a caneta.

LIZA

É impressionante como você ficou parecido com o seu Otto.

Rômulo tira um maço de cigarros do bolso.

LIZA

Até o amarelado dos dedos – de tanto fumar.

Rômulo acende o cigarro.

LIZA

Já está escurecendo. Não prefere entrar? Faço um café.

RÔMULO

E a mãe?

LIZA

Sendo medicada. Daqui a pouco estão de volta.

RÔMULO

Por quê tudo isso?

LIZA

Depois que seu pai morreu... Dona Rosália ficou em choque. Fisicamente ela não tem nada, mas a cabeça... Ela se desconectou de tudo – quer dizer, de tudo o que a gente chama de realidade, criou um mundo próprio... Desculpa, eu não sou médica – quer dizer, até sou, mas eu trato de bicho, não de gente.

RÔMULO

Tem diferença?

LIZA

Bicho é mais simples, a gente dá vacina, cura machucado, limpa... As pessoas, elas... A gente nunca sabe bem o que as pessoas estão pensando, ou sentindo. (T) O que é que você está sentindo, Rômulo?

RÔMULO

Como assim?

LIZA

Finalmente você voltou.

RÔMULO

É isso, eu voltei.

LIZA

Mas faz muito tempo, você não acha?

RÔMULO

É exatamente isso, Liza, faz muito tempo.

Liza olha fixamente para Rômulo.

LIZA

Tem uma coisa do meu trabalho que parece – uma coisa que eu aprendi na faculdade e que eu estou aplicando na fazenda dos meus pais. É assim: quando o bezerro ainda é bem novinho, ele precisa

desmamar, ele precisa ser separado da mãe pra ela poder entrar de novo no cio, mais rápido. É uma coisa dolorosa pro bicho, mas necessária pra economia da fazenda. Antigamente, a gente separava mãe e filho de uma vez e pronto. Só que é menos traumático pra mãe e pro filhote se eles forem sendo separados aos poucos. Os peões separam os bezerros por um tempo, levam as vacas para um outro pasto bem longe. É uma choradeira infernal, dia e noite, a gente ouve os mugidos à quilômetros. Três dias depois os peões retornam com as vacas e elas voltam a conviver com os bezerros. Esse processo é repetido algumas vezes. Sabe o que acontece então? Eles vão se esquecendo. Os bezerros vão crescendo, as vacas vão cuidando de suas vidas... Daí quando eles se reaproximam é como se mãe e filho nunca tivessem se visto antes.

Pausa.

RÔMULO

Como o pai morreu?

LIZA

É tão estranho – isso de você não saber de nada.

RÔMULO

Já estava preparado pras críticas. Faz tempo que eu quero voltar; mas só de pensar o quanto eu teria de escutar, as brigas, os sermões, os lamentos, a choradeira...

LIZA

Seu Otto morreu três anos depois que você fugiu de casa. Só três anos depois, você entende o que isso quer dizer?

Rômulo apaga seu cigarro e lança um olhar semicerrado para Liza.

RÔMULO

Se tem uma coisa que eu aprendi durante todos esses anos de “desmame”, Liza, foi a me defender – aqui, ó, dentro.

Pausa.

LIZA

Seu pai não morreu de nenhuma doença específica – se é isso que você quer saber. Simplesmente foi ficando cada dia mais calado, cada dia mais abatido, até que um dia dormiu vendo tevê no sofá da sala e não acordou mais.

RÔMULO

E o Remo assumiu a oficina. (t) E você.

Rômulo caminha até a oficina. Liza o acompanha.

LIZA

Remo já estava trabalhando com seu pai há algum tempo.

RÔMULO

Era natural que um de nós dois assumisse a oficina. Ou os dois.

LIZA

Remo virou mecânico por opção.

RÔMULO

Muitas vezes a melhor opção é a falta de opção. Há quanto tempo vocês estão juntos?

Pausa.

LIZA

Trabalhar num meio dominado por homens de baixa instrução – se impor como profissional no campo – também faz a gente aprender a se defender.

Rômulo entra no carro que está sendo consertado.

RÔMULO

Esse Chevrolet me faz lembra de Cuba.

Liza também entra no carro, no lado do carona.

LIZA

Vai fazer 10 anos que estamos casados.

RÔMULO

Cadê os filhos de vocês?

Liza baixa a cabeça.

RÔMULO

Que eu me lembre esse é o tipo de lugar onde a primeira coisa que as pessoas fazem depois de casar é ter filhos.

LIZA

As coisas mudaram muito por aqui nesses 20 anos.

RÔMULO

Eu dei uma volta por ai e não me pareceu que tenha mudado tanto assim.

LIZA

E você? Tem filho?

RÔMULO

Não. Mas eu também nunca fui casado. Pra falar a verdade acho que até hoje você foi a namorada que eu tive que durou mais tempo.

Rômulo finge estar dirigindo.

RÔMULO

Chegamos ao Quilômetro Zero.

LIZA

Quê?

RÔMULO

De Havana. Cuba. O Quilometro Zero fica no Centro de Havana. É daqui que são calculadas todas as distâncias da ilha.

LIZA

Quer dizer que você pode ir pra qualquer lugar e retornar ao quilometro zero.

Rômulo coloca o braço no banco de Liza, por sobre seus ombros.

RÔMULO

Exatamente.

LIZA

Só que a gente não está em Havana.

Liza sai do carro e se senta no capô.
Rômulo faz o mesmo.

LIZA

Então quer dizer que você foi morar em Cuba depois que sumiu daqui.

RÔMULO

Eu morei em muitos lugares. Por exemplo...

Rômulo sobe no teto do carro e fica de pé.

RÔMULO

Agora nós estamos em Berlim. Em cima da cabeça de um anjo, no Siegestäule. Dá pra ver a cidade inteira daqui de cima. Vem ver também.

Rômulo estica a mão para Liza, que hesita um pouco, mas cede. Estão agora os dois de pé no teto do carro.

RÔMULO

Faz frio nessa época do ano em Berlim.

Rômulo segura os ombros de Liza.
Remo aparece.

REMO

Levei uma semana fazendo a lanternagem desse carro.

Liza se desvencilha de Rômulo.

LIZA

O seu irmão – ele estava me falando de alguns lugares onde morou.

Remo vai para a cozinha.

Liza desce do teto do carro e vai atrás de Remo.
Rômulo desce do carro e acende um cigarro.

LIZA
E sua mãe?

Remo pega uma garrafa d'água, serve-se e bebe.
Rômulo chega na cozinha.

REMO
Tinha que escolher esse dia pra aparecer? Claro que tinha, foi caso pensado.

ELIZA
Você não podia ter feito isso, Rômulo.

RÔMULO
Espera aí, eu não sei do que vocês estão falando.

LIZA
Hoje é dia 16 de junho.

RÔMULO
E daí?

LIZA
Foi o dia em que você desapareceu de casa.

RÔMULO
Eu...? Eu nem sabia disso, foi só uma coincidência.

REMO
E o dia em que o pai morreu.

Mergulhados cada qual em seus pensamentos, os três se sentam à mesa.

RÔMULO
16 de junho... Esse dia... Ele... não é um dia qualquer... É uma data mágica...

REMO
Há 20 anos que esse dia é recordado nessa casa. Há 17 ele é lembrado por duas mortes.

RÔMULO
Bloomsday... tudo se passa num único dia, 16 de junho.

Rômulo pega sua caneta e seu Moleskine e começa a escrever algo.

LIZA
Está fazendo o quê?

RÔMULO
Só anotando uma coisa pra não esquecer.

REMO

Eu ia te mandar embora hoje mesmo.

RÔMULO

Eu sabia que não ia ser fácil, Remo, mas eu vim, estou aqui.

REMO

Mas eu não posso mais te mandar embora.

RÔMULO

Eu também não posso ir.

REMO

A mãe, ela... Ela não está bem.

RÔMULO

Liza me contou.

REMO

A cabeça dela é um mundo diferente do nosso.

RÔMULO

Eu sei.

REMO

Depois que a gente saiu do hospital, ela me fez passar na Igreja pra falar com o padre. Ela queria lembrar a oração de São Lázaro.

RÔMULO

Ela pensou que eu estivesse morto e que agora eu ressuscitei.

REMO

Ela está achando que o pai ressuscitou... Ela acha que você é o pai.

RÔMULO

Que história é essa?

REMO

Quando ela te viu – ela não desmaiou porque achou que você era você. Ela desmaiou porque achou que você era o pai.

LIZA

Seu Otto?

REMO

Ainda acha. Descobri isso depois que ela foi medicada. Ela disse que o que tinha visto na parede não era uma bruxa, era a sombra de uma borboleta. E essa borboleta se transformou em você... no pai.

RÔMULO

Onde é que ela está?

REMO

No quarto, passando batom.

Liza abraça Remo.

RÔMULO

O que é que eu faço?

REMO

Não sei. Você só não pode ir embora agora.

Rosália aparece na cozinha, arrumada e maquiada.

Rômulo se levanta. Num ato reflexo, passa a mão no cabelo, ajeita a roupa.

Rosália se aproxima de Rômulo, os olhos marejados.

Liza e Remo olham a cena, emudecidos.

Rosália canta baixinho o refrão da música "Canzone per te".

ROSÁLIA

E tu, tu mi dirai / Che sei felice come non sei stata mai / E a un'altra io dirò

Le cose che dicevo a te / Ma oggi devo dire che ti voglio bene

Per questo canto e canto te / La solitudine che tu mi hai regalato

Io la coltivo come un fiore

Rosália abraça Rômulo, que fica um tempo sem ação até que a abraça também. Rosália pega o rosto de Rômulo em suas mãos e distância para olhá-lo melhor.

ROSÁLIA

Como você está magro!

Rosália coloca pão e salame sobre a mesa. Prepara um sanduíche enquanto fala.

ROSÁLIA

Esses anos todos no jardim não te fizeram nada bem. E olha que eu cuidei de você, cuidei muito, todos os dias. Mas o que mais me espanta é essa sua cara abatida. Não ficou descansando todo esse tempo? (t) Senta pra comer, Otto.

Rômulo se senta.

Rosália pega um vinho na geladeira. Serve um copo a Rômulo.

ROSÁLIA

Come. Bebe.

Rômulo obedece.

ROSÁLIA

Como é lá?

RÔMULO

Onde?

ROSÁLIA

Ah, você sabe, lá – do outro lado. Como é?

RÔMULO

Lá? É... bom.

ROSÁLIA

Quente ou frio?

RÔMULO

Morno. Temperatura amena. Agradável.

ROSÁLIA

Encontrou os parentes? Seu nono...?

RÔMULO

Não, não encontrei ninguém.

ROSÁLIA

Ficou sozinho todos esses anos?

Rômulo segura as mãos de Rosália.

RÔMULO

Mãe...

ROSÁLIA

Não me chama de mãe que eu não gosto. Me chama de minha Rosa, como antigamente.

RÔMULO

Rosa... Eu... não posso dar certas informações.

ROSÁLIA

Por quê?

RÔMULO

Sou proibido. Ninguém que nunca foi pode saber como é. Esse é o mistério da vida.

ROSÁLIA

É verdade, o mistério. O que seria da vida se não fosse o mistério. (t) Mas e o jardim?

RÔMULO

O que é que tem?

ROSÁLIA

Você pode falar do jardim? Como foi ficar lá esse tempo todo?

RÔMULO

O jardim – quando jogaram minhas cinzas no jardim eu já tinha descolado do corpo. O pó já não era eu. Era só a poeira do que um dia foi carne.

ROSÁLIA

Mas então eu fiz papel de boba todo esse tempo cuidando do jardim.

RÔMULO

Não, claro que não.

ROSÁLIA

Eu achava que você estava presente em cada florzinha que brotava, em cada grama – até nos bichinhos da terra.

RÔMULO

E eu estava, sim.

ROSÁLIA

Mas você falou que o pó já não era você.

RÔMULO

É porque – fuck! – é porque a alma... a alma em si... descola da matéria, mas a... o... rastro... as impressões, por assim dizer, ficam, entende?

ROSÁLIA

Como o perfume: a pessoa passa por você, mas o cheiro ainda fica um tempo pairando no ar.

RÔMULO

É isso, como o perfume.

ROSÁLIA

Por isso as rosas do nosso jardim são tão perfumadas.

RÔMULO

É... por isso sim.

ROSÁLIA

Que lindo.

Rômulo come e bebe aliviado pelo fim da conversa.

ROSÁLIA

E doeu?

RÔMULO

O quê?

ROSÁLIA

Quando a alma descolou do carne.

RÔMULO

Depois que a gente morre não sente mais dor. (t) Não me pergunta mais nada, por favor, eu posso ser punido por fazer tantas revelações.

ROSÁLIA

São Genaro! Está quase na hora da minha novela. Otto, vai indo lá pra sala que eu levo a comida numa bandeja. Vai, homem.

Rômulo obedece. Sai.

Rosália coloca o sanduíche e o copo de vinho numa bandeja e sai.

Liza e Remo se olham sem saber o que dizer.

CENA 3

Remo está se exercitando na oficina com os halteres ao som de uma música pesada, hardcore, que sai de um pequeno CD player.

Rômulo entra na cozinha se arrastando. Pega uma xícara e se serve de café. Pega o maço de cigarros e isqueiros. Fuma. Pega o Moleskine e a caneta; tenta escrever alguma coisa, mas a música barulhenta o faz desistir. Se levanta com dificuldade e vai até a oficina. Olha Remo se exercitando.

RÔMULO

Bacana essa música. Boa pra despertar. Pelo visto você acordou bem disposto. Eu estou um bagaço. Dormir com a mãe foi a coisa mais bizarra que já me aconteceu.

REMO

Apaga o cigarro.

Rômulo dá uma longa e última tragada. Joga a guimba dentro da xícara. Tira do bolso um envelope. Abre o envelope e verifica o maço de dinheiro que ele contém. Recoloca o dinheiro no envelope e o mostra a Remo.

RÔMULO

Eu queria te dar isso aqui. Não sei se você lembra, mas quando fui embora eu levei comigo todo o dinheiro da oficina. Fiz um cálculo por alto de quanto daria em valores de agora; aqui tem quase o dobro. Como você assumiu a oficina, acho que o dinheiro é seu por direito. Toma.

Remo continua concentrado em seu exercício.

RÔMULO

Bom, vou deixar aqui em cima do balcão.

Rômulo deixa o dinheiro sobre o balcão. Remo continua se exercitando.

RÔMULO

A gente tem que falar a verdade pra mãe.

REMO

Esquece.

Rômulo desliga o som.

RÔMULO

Eu não tenho como segurar essa onda por muito tempo.

REMO

Há 20 anos que eu venho suportando um monte de coisa, sem alternativa. A vida é assim, cada um com sua cruz.

RÔMULO

Eu não acredito nesse papo de cruz. Sou tão ateu quanto o pai.

Rômulo vai até o Chevrolet e se olha no espelho retrovisor.

RÔMULO

Liza disse que eu fiquei parecido com o pai. Vi umas fotos no quarto da mãe. Ela tem razão, estou mesmo a cara dele.

Remo liga novamente o som. Em seguida deita no banco com a cabeça embaixo da barra.

REMO

Vem cá.

Rômulo deixa a xícara no chão.

Remo pega a barra carregada de anilhas e a movimenta pra cima e pra baixo. A partir da oitava repetição, Rômulo o ajuda a finalizar o exercício.

Remo se levanta, levanta a camisa e admira o próprio peitoral.

RÔMULO

Você é um dos homens rudes da região.

Remo desliga o som.

REMO

Que conversa é essa?

RÔMULO

Estou brincando. É que a Liza disse que vive cercada de peões e...

REMO

Por que você está falando tanto da Liza?

RÔMULO

A gente só bateu um papo rápido.

REMO

Sobre o quê?

RÔMULO

Nada específico.

Remo pega uma garrafa d'água. Bebe e caminha em volta de Rômulo.

REMO

O pai não era tão magro. Nem tão fraco.

RÔMULO

Você me acha fraco?

REMO

Deita ai pra gente ver quanto peso você agüenta na barra.

RÔMULO

Ah, fisicamente, você quer dizer. Realmente exercício nunca foi o meu forte. Essas mãos aqui não foram feitas pra criar calos.

REMO

Você faz o quê da vida? Já sei, é cafetão.

RÔMULO

Já fui, num livro chamado “The gigolo android” – um livro que eu escrevi. É isso que eu faço da vida: escrevo histórias.

REMO

As pessoas te pagam pra isso?

RÔMULO

Parece que eu sou bom no que faço. Ou era. Em todo caso nas minhas histórias eu sou sempre o protagonista, o herói. É uma forma de ser quem eu quero, quando eu quero, na hora que eu quero.

REMO

É isso que faz você achar que pode fazer o que quiser, com quem quiser na hora que quer?

RÔMULO

Mais cedo ou mais tarde eu ia ter que voltar.

REMO

Você podia ter morrido.

RÔMULO

Isso te deixaria feliz?

REMO

Não teria feito diferença.

RÔMULO

Fazer diferença é bom.

REMO

Depois de tudo o que aconteceu, a sua volta é só um problema a mais.

RÔMULO

As coisas podem mudar.

REMO

É, agora a mãe acha que você é o pai.

RÔMULO

Isso é momentâneo.

REMO

A morte do pai não é momentânea. A demência da mãe não é momentânea. O ódio que eu sinto de você não é momentâneo. (t) O meu coração é uma pedra, do tamanho do meu punho fechado. Minha vontade é rachar sua cabeça com ela.

RÔMULO

Rachar minha cabeça com uma pedra? Isso me soa familiar...

Remo liga novamente o som, agora no volume máximo. Balança a cabeça e toca uma guitarra imaginária. Pula, soca o ar.

Rômulo pega seu Moleskine e faz uma anotação.

Remo desliga o som.

REMO

O que você tanto escreve nesse seu caderno?

RÔMULO

Só anotações.

REMO

É sobre mim? Está falando mal de mim?

Remo arranca o Moleskine das mãos de Rômulo e o folheia.

RÔMULO

Está tudo em inglês. Você entende?

Remo devolve o Moleskine a Rômulo.

REMO

Foi o que eu imaginei.

Remo vê algo que lhe chama a atenção: uma moto coberta por uma lona.

REMO

É uma moto?

Ele retira a lona de sobre a moto, que é antiga, mas está totalmente recuperada. Ele sobe na moto extasiado.

RÔMULO

Cara, isso aqui é demais!

REMO

Isso não é uma moto. É uma Harley-Davidson Hidra-Glide, 1952.

RÔMULO

Quem é o dono dessa raridade?

REMO

Eu.

RÔMULO

Essa sexy-machine é sua?! Você não parece o tipo de cara que compraria uma moto dessa.

REMO

Eu venho montando ela há anos, peça por peça. É toda original. Era praticamente uma carcaça quando eu ganhei como pagamento por um trabalho.

RÔMULO

Quantas pessoas você teve que matar?

REMO

Talvez eu tenha ajudado uma a morrer. Lembra do velho do bosque?

Rômulo estaca. Desce da moto. Tira um cigarro do maço, ar grave.

REMO

Não fuma.

Liza aparece na oficina.

LIZA

Algum bicho atacou uma das ovelhas.

REMO

Bicho? Que bicho?

Liza atravessa a oficina em direção à cozinha.

LIZA

Um cachorro talvez.

Remo vai atrás de Liza.

Rômulo saca seu isqueiro e acende o cigarro.

REMO

Um cachorro da fazenda?

Rosália aparece na cozinha vinda de dentro da casa.

LIZA

Ou de fora.

ROSÁLIA

Dormi mais que a cama.

REMO

Bom dia, mãe.

LIZA

Bom dia, Dona Rosália.

Liza pega a garrafa d'água da geladeira. Serve-se e bebe.

ROSÁLIA

Otto!

LIZA

A gente não tem certeza se foi um cachorro.

Rosália se serve de café.

REMO

Não tem lobo por aqui, nem raposa.

LIZA

Deve ter sido um cachorro, claro, mas custa crer que foi um dos nossos.

ROSÁLIA

Onde se meteu esse homem?

Rômulo dá uma última e longa tragada em seu cigarro. Pega a xícara do chão e joga a guimba dentro.

REMO

Com certeza não foi.

LIZA

Só se estiver com raiva.

Rômulo aparece na cozinha.

ROSÁLIA

Estava na oficina, claro.

RÔMULO

Sinai morreu?

ROSÁLIA

Já tomou café?

REMO

Quem?

LIZA

A ovelha morreu.

ROSÁLIA
Quer mais?

RÔMULO
O hippie.

ROSÁLIA
Dá aqui essa xícara.

Rosália pega a xícara da mão de Rômulo.

LIZA
De quem vocês estão falando?

ROSÁLIA
Essa mania de jogar cigarro dentro da xícara...

REMO
Do velho do bosque.

ROSÁLIA
Ainda bem que aquela peste foi embora.

Rosália lava a xícara de Rômulo e lhe serve mais café.

ROSÁLIA
Foi por causa dele que nosso menino fugiu de casa. Remo fez bem em consertar a casa daquele feiticeiro, mas eu disse que não era pra ele aceitar nada em troca.

REMO
Eu fiz um serviço pra ele, mãe – o trailer voltou a funcionar – era justo eu receber por isso.

ROSÁLIA
Ele ter ido embora da cidade foi o maior dos pagamentos. Mas justiça mesmo só se o nosso menino tivesse voltado pra casa antes... antes de você morrer, Otto. Foi tanta tristeza, tanta... Nem sei como eu agüentei viva. Queria ter ido com você, pedi a Deus por isso. Mas ele me fez continuar aqui, então eu me agarrei na idéia de que havia uma certeza nas tortas linhas do Senhor... (t) Não quero ficar triste, não tenho motivo pra ficar triste, agora as coisas estão voltando pra trás – você está vivo de novo e daqui a pouco nosso menino nunca terá saído de casa. E os gemeosinhos vão vir correndo pra gente gritando que querem ser marinheiros pra conhecer o mundo todo – os dois juntos – e que vão ganhar muito dinheiro pra fazer a gente viajar pra Itália; daí você vai rever sua família e eu vou ver o Papa de perto. (t) Bom, mas enquanto nosso menino não volta, vem comigo que eu quero te mostrar o jardim.

Rosália pega Rômulo pela mão e o carrega em direção ao jardim. Fala enquanto caminha.

ROSÁLIA
Você vai ver como está bonito. Tem flores do campo, tem girassol, tem rosa vermelha, rosa branca, bromélia, tulipa...

Liza e Remo vão para dentro.
Rosália e Rômulo chegam ao jardim.

ROSÁLIA
Vê. Não te falei?

Rosália pega uma flor e dá a Rômulo.

ROSÁLIA
Pra você. Pega.

Rômulo pega a flor.

RÔMULO
Mãe, eu preciso...

ROSÁLIA
Não me chama de mãe, que eu não gosto. Parece esses casais de velhos caipiras que ficam se chamando de mãe e pai – “Mãe, vem pra cama”, “Já vou, pai” – detesto. Você é meu Otto, eu sou sua Rosa, Rosinha. Se quiser pode me chamar de amor...

RÔMULO
Eu preciso fazer uma coisa – é urgente –, depois eu volto.

ROSÁLIA
Está bem, mas vê se não fica o dia todo trabalhando na oficina, viu. Remo já está dando conta de tudo, você vai poder descansar bastante.

Rômulo corre até a cozinha.
Rosália se agacha para cuidar das flores.

RÔMULO
Remo!

Remo aparece vestido de macacão.

RÔMULO
Me empresta a moto.

REMO
Pra quê?

RÔMULO
Eu preciso ir até o bosque.

REMO
Você não entendeu? O hippie já foi embora da cidade faz tempo.

Remo caminha para a oficina. Rômulo o segue.

ROSÁLIA

Vocês estão com cara de sede.

Rosália pega o regador e se levanta.

RÔMULO

Pra onde ele foi?

Remo abre o capô do carro e o começa a examinar.

REMO

Não tenho a menor idéia. Ele só disse que o tempo dele estava acabando e que ele tinha que ir embora pra morrer em paz.

RÔMULO

Eu preciso ir lá mesmo assim, ver com os meus próprios olhos. Me dá a chave da moto.

REMO

Achava a história da mãe maluquice, mas vendo você falar assim até acredito que o cara era mesmo um feiticeiro.

RÔMULO

É muito importante, por favor.

REMO

A moto ainda não está funcionando. Falta uma peça, só mais uma: a borboleta do carburador. Você entende alguma coisa de mecânica? É claro que não. É uma peça que regula a entrada da mistura ar e combustível no motor. Sem a borboleta o motor ia ficar o tempo todo acelerado ao máximo. Até explodir.

Rômulo está visivelmente perturbado.

REMO

Pega o fusca que está lá fora.

Tira um chaveiro do bolso e o joga para o irmão, que em seguida sai.

Rosália entra, vinda do jardim.

ROSÁLIA

Pra onde seu pai foi?

REMO

Ninguém sabe, mãe. Não é esse o maior mistério da vida?

Remo volta a examinar o carro.

Rosália vai para a cozinha encher o regador de água.

CENA 4

Madrugada.

Liza está na cozinha preparando um chá. Algo no lado de fora da casa lhe chama a atenção. Ela pega sua xícara e vai para o jardim.

RÔMULO

Pegaram o alienígena?

Liza toma um grande susto: a voz de Rômulo vem do jardim, porque ele está deitado lá e ela não havia percebido.

LIZA

Você quase me mata do coração!

Rômulo se senta, ainda entre as flores. Está abraçado a sua garrafa de Jack Daniels, agora vazia.

RÔMULO

Ou era o chupa-cabra? O chupa-cabra é um alienígena?

LIZA

As pessoas estão dormindo.

RÔMULO

A primeira vez que eu li sobre o chupa-cabra estava em Londres escrevendo o meu – sei lá – décimo livro. Achei os brasileiros tão ridículos... A Inglaterra com o monstro do lago Ness, os Estados Unidos com os etês escondidos pela NASA, o Japão com o Godzilla e os Brasil com o chupa-cabra. Ridículo! Se bem que do jeito que as coisas vão se eu conseguisse escrever um livro sobre o chupinha já estaria no maior lucro.

LIZA

Foi um dos nossos cachorros.

RÔMULO

Traidor.

LIZA

Ela já estava apresentando sinais de raiva há alguns dias.

RÔMULO

Ela?

LIZA

Era uma cadela.

RÔMULO

Ela estava babando, assim, pelo canto da boca? Quando ficam com raiva elas sempre babam, né...?

LIZA

Normalmente isso acontece em agosto – o mês do cachorro louco. Tem uma grande concentração de cadelas no cio nessa época do ano e isso faz a promiscuidade entre os cães aumentarem.

RÔMULO

Eu sei como é isso.

LIZA

Tivemos que sacrificá-la.

RÔMULO

I used to love her / But I had to kill her...

LIZA

Ela estava sendo adestrada pra pastorear as ovelhas. Era tão mansa, tão doce... Não entendo como isso foi acontecer...

RÔMULO

Eu te ofereceria uma bebida pra aplacar a sua dor, mas como você pode ver o meu lamento consumiu até a última gota desse Tennessee Whiskey...

LIZA

Como foram as coisas lá com o seu Mestre dos Magos?

RÔMULO

Nenhum sinal de Sinai. He's gone. Mas encontrei esse livro aqui na clareira onde ficava o trailer dele.

Rômulo mostra um livro velho a Liza, que começa a folheá-lo.

RÔMULO

Uma edição antiga do Fausto. Eu achava que Sinai só lia os beatniks. Ele nunca me falou de Goethe. Provavelmente porque ele queria me atrair pra literatura e não me afastar dela. On the Road é o livro ideal se você quer convencer um garoto de 15 anos que a leitura é uma coisa excitante, entorpecente, perigosa. E eu caí como um patinho. Aquele hippie safado era bem esperto.

Liza lê um trecho do livro.

LIZA

"O mundo dos espíritos não fecha suas portas; Vosso coração é que está fechado, vossos sentidos adormecidos"

Rômulo toma o livro das mãos de Liza.

RÔMULO

Vocês não podiam ter mandado ele embora, isso não foi nada gentil.

LIZA

Ninguém mandou ele embora, Rômulo, ele foi porque quis.

RÔMULO

Não me chama de Rômulo.

LIZA

Chamo de quê então? De Otto?

RÔMULO

God, no! Eu já tinha até me esquecido dessa freak situation.

LIZA

Diz então do que é que você quer que eu te chame.

RÔMULO
Roma Wolf.

LIZA
Roma Wolf?!

RÔMULO
É como as pessoas me conhecem lá fora. Eu sou escritor, you know?

LIZA
É, eu estou sabendo.

RÔMULO
Escrevo em inglês. Já escrevi mais de 20 livros de SciFi – ficção científica. Roma Wolf é um cara conhecido. As pessoas gostam muito de Roma Wolf. Ou gostavam, porque agora Roma Wolf não escreve mais.

LIZA
O que foi que aconteceu com Roma Wolf?

RÔMULO
Good question. (t) Escuta, eu não vou conseguir ficar de pé agora, então é melhor você se sentar.

Liza se senta ao lado de Rômulo.

RÔMULO
É como se um belo dia eu tivesse acordado sem conseguir mover as pernas. A minha cabeça dizendo: mexam-se! E elas lá paralisadas sobre a cama.

LIZA
Deve ter acontecido alguma coisa...

RÔMULO
Coisa nenhuma. Não que eu saiba – ou lembre. As idéias simplesmente sumiram. Meus últimos livros foram cópias descaradas de mim mesmo, coletâneas de idéias tiradas de outros textos meus. Fracassos absolutos. Tentei de tudo – porres homéricos, drogas pesadas, sexo hardcore, meditação transcendental – mas nada deu certo. Até que alguma coisa me disse que já era hora de voltar pro quilometro zero. (t) Quer fumar?

LIZA
Eu não fumo.

RÔMULO
Não estou falando de tabaco. É um special cigarette.

Rômulo tira um baseado do bolso e o acende. Dá umas tragadas curtas e o oferece a Liza.

LIZA
Não, obrigada.

RÔMULO
Ah, vamos lá, só um tapinha. Eu sei que você nunca fez isso antes, mas...

LIZA

Você acha que não existe maconha por aqui?

RÔMULO

Pela cara das pessoas, não.

Liza pega o baseado da mão de Rômulo e dá uma tragada longa. Tosse.

RÔMULO

Vai de vagar, baby, suave como se você estivesse chupando num canudinho de açúcar.

Liza traga com mais cuidado.

RÔMULO

Não solta ainda, prende um pouco.

Liza obedece.

RÔMULO

Agora sopra tudo na minha cara.

Liza obedece. Rômulo aspira o ar com prazer.

RÔMULO

Delícia.

Liza devolve o cigarro a Rômulo, que fuma mais.

RÔMULO

Olha só que curioso: é a segunda vez que eu sou o seu primeiro.

LIZA

Ser o primeiro é fácil. Difícil é ser o derradeiro.

RÔMULO

Isso me soou como uma frase feita de quinta categoria.

LIZA

Você deve entender bastante desse tipo de frases.

Liza fuma mais um pouco e devolve o baseado para Rômulo, que se deita olhando o céu.

RÔMULO

Fuck! Olha só quantas estrelas! E que lua é essa?! Aúúúú!!!

Liza pula para cima de Rômulo e tapa sua boca.

LIZA

Para de uivar, senão você vai atrair todas as cadelas no cio da região.

Lentamente Liza tira a mão da boca de Rômulo. Ela o beija ferozmente. Eles trepam.

CENA 5

O dia está amanhecendo.

Rômulo e Liza estão deitados no jardim. Ela acorda aos poucos e se levanta com dificuldade. Olha para Rômulo deitado. Olha para a casa. Passa as mãos nos cabelos, limpa a roupa e caminha para dentro. Ao chegar na cozinha encontra Remo sentado à mesa fitando o vazio.

LIZA
Remo...

Liza se senta ao lado de Remo.

LIZA
Aconteceu uma coisa... Uma coisa que não era pra acontecer – não podia...

Remo se levanta e sai da cozinha.

Liza mergulha a cabeça entre os braços.

Remo volta com a mochila de Rômulo, passa pela cozinha e entra na oficina. Liza o segue. Remo cata uma grande chave-inglesa e caminha em direção ao jardim.

LIZA
O que você vai fazer? Remo!

Remo sai da oficina em direção ao jardim. Liza o segue.

Remo para diante de Rômulo, que continua dormindo. Remo dá um chute no irmão, que acorda falando.

RÔMULO
“O mundo dos espíritos não fecha suas portas; Vosso coração é que está fechado, vossos sentidos adormecidos”.

REMO
Levanta!

RÔMULO
É por isso que o livro estava lá.

Remo pega Rômulo pelo pescoço e o ergue.

REMO
Você vai cair fora agora mesmo.

Rômulo luta para se desvencilhar.

RÔMULO
Eu não posso – não agora.

Remo lhe aplica uma chave de braço.

REMO

Você vai por bem ou por mal.

RÔMULO

O meu coração estava fechado, os meus sentidos adormecidos...

Remo aperta o pescoço de Rômulo.

LIZA

Não faz isso, Remo!

Liza empurra Remo, que larga Rômulo. Este se agacha com a mão no pescoço, tossindo e tentando recuperar o fôlego.

REMO

Você acha que ele votou por sua causa, sua burra? Foi por isso que você trepou com ele?! Então aproveita pra juntar suas coisas e cair fora daqui também.

RÔMULO

A culpa foi minha, cara, eu forcei ela...

LIZA

Não precisa mentir, Rômulo, não é assim que funciona com a gente...

Rosália aparece com um véu preto na cabeça.

RÔMULO

Mãe...

REMO

Bom a senhora aqui, mãe. Está na hora da gente acabar com essa farsa. Esse aqui não é o pai. O pai está morto, virou cinza, e vai continuar cinza. Esse aqui é o Rômulo, mãe, o filho que fugiu de casa, que abandonou a gente.

RÔMULO

Não! É mentira, não acredita nele! Eu sou o seu marido, eu sou o Otto!

LIZA

O que você está fazendo?

RÔMULO

Eu era cinza, mas eu voltei...

LIZA

Ele está certo em contar a verdade.

RÔMULO

Não assim, não desse jeito.

REMO

Esse é o filho que roubou o dinheiro da oficina e sumiu sem avisar ninguém.

RÔMULO

Não... não assim...

REMO

É o filho que desapareceu por 20 anos sem nunca se importar se o pai morria um pouquinho a cada dia, se a senhora estava bem de saúde, se a gente não estava passando fome.

RÔMULO

Me perdoa, mãe, eu precisei... Mas agora eu estou de volta...

REMO

Agora ele está de volta – o filho pródigo voltou, mãe. Só que ele não voltou por causa do pai, nem por causa da senhora, muito menos por minha causa. Ele queria mesmo era encontrar o velho do bosque.

RÔMULO

Não é isso...

REMO

Ele não derramou uma lágrima sequer quando soube que o pai estava morto; mas ficou branco como um mármore quando eu contei que o feitiçeiro tinha ido embora da cidade.

RÔMULO

Eu também não sabia, mas agora eu sei...

REMO

Esse é o seu filho, mãe, o meu irmão gêmeo, que eu não reconheço mais – nem por fora e nem por dentro.

Rosália ajeita seu véu e caminha para dentro de casa.

RÔMULO

Mãe...

Rômulo se levanta e apanha sua mochila.

RÔMULO

Eu saio dessa casa. Mas não vou embora da cidade. Não posso.

Rômulo coloca a mochila nas costas. Em seguida, cata o livro do chão.

RÔMULO

Fausto...

Olha para Liza e sai.

CENA 6

Rosália está na cozinha, sentada diante de uma caixa repleta de fotos.

Liza entra e a vê. Então ela apanha de debaixo da pia uma pasta.

LIZA

Dona Rosália?

Rosália está concentrada nas fotos.

LIZA

Posso mostrar uma coisa pra senhora?

Liza tira um papel de dentro da pasta.

LIZA

Isso aqui é a logomarca da nossa cooperativa. Vê que desenho bonito.

Liza mostra o papel a Rosália, que o olha rapidamente para em seguida voltar às suas fotos.

LIZA

Mas o que eu quero mostrar mesmo é outra coisa.

Liza arrasta uma cadeira para perto de Rosália. Em seguida tira da pasta um papel do tamanho de um marcador de texto.

LIZA

Essa é a etiqueta que vai acompanhar os nossos produtos. Nossa etiqueta é diferente das outras – especial – sabe por quê? Porque ela tem o nome de todo mundo que participou do processo de produção, olha só: Tosquia: Joelson; Triagem, Lavagem, Limpeza e Cardamento: Maria, Zefa, Das Dores, Tânia, Inês, Giovanna e Antonia; Fiação: Madalena, Jurema, Das Graças, Luzia, Fernanda e Tininha; Tingimento: Pedro, Tereza, Laura e Liza; Crochê e Tricô: Rita, Carla e Rosália – a senhora. Viu só, Dona Rosália? Todo mundo que comprar as nossas colchas, os nossos tapetes, os xales, os casacos – todo mundo vai saber que a senhora faz parte da nossa equipe.

ROSÁLIA

Os meninos não iam se chamar Remo e Rômulo.

Liza guarda seus papeis na pasta.

ROSÁLIA

Eu queria que eles se chamassem Isaac e Ismael, os filhos de Abraão. A mulher de Abraão, Sarah, era estéril. O primeiro filho deles, Ismael, foi gerado no ventre de outra mulher. O segundo filho de Abraão, Isaac, foi fruto de um milagre: Sara, era estéril e já tinha mais de 90 anos! Milagre. Eu era estéril. Durante 10 anos nós amargamos a falta de um bambino – como o Otto costumava dizer. Daí eu me agarrei a Deus, fiz promessa pra todos os santos que conhecia e fiquei prenha, não de um, mas de dois – e meninos! Foi uma felicidade tão grande quando os guris vieram ao mundo... Na hora de registrar eu fui logo dizendo pro Juiz: Ismael e Isaac. Otto me olhou com os olhos arregalados assim e disse: De jeito nenhum! Filho meu não vai ter nome de bíblia. Mas Otto, eu fiz promessa, só engravidei por isso. Que promessa?! Você nunca me falou de promessa nenhuma. Não falei porque você se irrita quando eu falo das coisas de Deus. A palavra certa, Rosália, é ateu. Eu sou ateu – e comunista! Meus bambinos vão se chamar Rômulo e Remo. De onde você tirou esses nomes, Otto? Rômulo e Remo, os fundadores de Roma, os que mamaram nas tetas de uma loba. E nossa família é Lupi, Rosália, lobos. Entendeu? Entendi, Otto, mas e a promessa? Faz o seguinte, mulher, explica pra Deus bem explicadinho que o seu marido já tinha outros planos, que você não sabia de

nada. Daí diz pra ele que você vai inventar uma outra forma de pagar a promessa. Que forma, Otto? E eu que vou saber? Eu sou ateu, Rosália, ateu. E comunista!

Remo aparece na cozinha carregando um bolo de papéis.

LIZA
Remo...

REMO
A gente tem que decidir quem é que sai, eu ou você. Pra mim é mais complicado, tem a mãe, tem a oficina, esse é o único lugar que eu tenho pra morar. Pra você é mais fácil, pode voltar pra casa dos seus pais, ir pra fazenda...

LIZA
Eu não quero ir embora.

REMO
Então eu vou ter que ir.

Remo caminha para a oficina.

LIZA
Isso não tem o menor sentido.

Remo coloca os papéis sobre o capô do carro, pega a lona que está no chão e começa a cobrir a moto novamente.

REMO
Eu também acho! Pega as suas coisas e vai embora logo.

LIZA
Você não pode jogar fora 10 anos de vida em comum.

REMO
Não foi isso o que você fez?

LIZA
Não! A gente não pode interromper a vida que a gente ainda tem pela frente, Remo.

REMO
Eu preciso sair. Marquei com um sujeito interessado em comprar a moto.

LIZA
Você vai vender?!

REMO
Ele já tinha me oferecido uma boa quantia tempos atrás – pra quando ela ficasse pronta. Eu dobrei o preço e ele aceitou, mesmo faltando uma peça.

LIZA

E a sua viagem? Você sempre disse que assim que ela estivesse funcionando a primeira coisa que você ia fazer era viajar pela América do Sul.

REMO

A minha “viagem de ouro”... Ela está toda ali naqueles mapas, nos roteiros, lugares pra ficar, lugares pra comer, atrações turísticas... Eu tenho essas coisas guardadas há mais tempo que a nossa certidão de casamento. No final das contas são só papéis.

Remo pega o envelope com o maço de dinheiro que Rômulo havia colocado sobre o balcão e o põe no bolso.

REMO

Faz um favor? Antes de sair joga isso tudo no lixo.

Remo sai.

Liza fica alguns segundos imóvel. Pega os papéis de cima do capô. Começa a folheá-los e então corre para dentro de casa, passando pela cozinha, onde Rosália continua sentada remexendo sua caixa de fotos.

CENA 7

Jardim.

Rosália está de pé diante das flores. Ao seu lado uma garrafa de álcool. Ela pega do chão uma garrafa de álcool. Abre a garrafa e derrama todo seu conteúdo sobre si. Pega do chão uma caixa de fósforos. Ela tenta riscar um fósforo, mas não consegue.

ROSÁLIA

Molhei a caixa toda, não presta mais.

Rômulo aparece.

RÔMULO

Mãe...

Rômulo caminha em direção a ela e a abraça. Rosália luta para se desvencilhar, mas Rômulo a espreme em seus braços.

Remo entra e, de longe, vê Rômulo e Rosália saírem. Em seguida, ele vai até a garrafa de álcool que ficou no jardim e a apanha.

Liza aparece.

REMO

As coisas fazem cada vez menos sentido.

LIZA

A gente tem que conversar, Remo.

REMO

Meu pai debaixo dessa terra, um sujeito estranho lá dentro com a minha mãe doente, você parada aqui diante de mim.

LIZA

Nem que seja a última coisa que a gente faça – juntos – nessa vida!

Rômulo olha para a garrafa de álcool em suas mãos.

REMO

Meu pai vivia repetindo que um homem de verdade é dono e senhor do seu próprio destino. Mas se alguma coisa de ruim acontecia, minha mãe dizia pra “entregar pra Deus”.

LIZA

Eu te amo, Remo – te amo muito. Mas faz tempo que a gente não está bem.

REMO

“Entregar pra Deus...”

LIZA

Eu tenho visto você cada vez mais enfurnado nessa oficina como se pudesse se esconder do mundo – se esconder de mim.

REMO

Eu te contei os sonhos que eu andava tendo, não contei?

LIZA

Não... Você não contou.

REMO

Eu estava preso – acorrentado – e com os olhos vendados, num lugar fechado e muito escuro. De repente alguém me puxava com força pra fora desse lugar. Quando me tiravam a venda, eu via que tava no meio de um estádio, no meio de uma arena daquelas de filme, com uma multidão me olhando. Daí abriam uma porta e um leão entrava correndo na minha direção. Ele me derrubava e começava a me devorar – a multidão vibrava. Eu via o leão mastigando minhas pernas, depois minha barriga, até que ele rasgava meu peito com os dentes e o meu coração ficava à mostra, batendo acelerado. Então o leão parava e olhava pro lugar mais alto do estádio, pro imperador; ele queria saber se podia ou não engolir meu coração, me matar de vez. Daí eu olhava pra esse mesmo lugar e via que o imperador... era eu...

LIZA

Se você parar de acreditar que ninguém pode te ajudar e que só você, sozinho, pode dar conta do que acontece aí dentro – se por um segundo você me permitir entrar...

REMO

Na primeira oportunidade – na primeira oportunidade! – você saiu, Liza. Você fez exatamente como o sujeito estranho que está lá dentro, você caiu fora.

LIZA

Eu já estava fora – é isso que eu estou tentando te explicar –, eu já estava do lado de fora dessa sua caverna, pedindo – implorando – pra você me deixar entrar.

REMO

É como eu disse: as coisas fazem cada vez menos sentido.

LIZA

E você não pretende fazer nada contra isso, não é?

REMO

Pretendo, sim. Vou “entregar pra Deus”.

CENA 8

Remo entra na cozinha e vê Rômulo, sentado diante de uma pilha de livros e de uma pequena caixa. Mostra uma chave para Remo.

RÔMULO

Sabe o que é isso? A chave de casa. Levei ela comigo quando fugi. Durante 20 anos ela esteve guardada nos meus poucos pertences. Meus pertences... Eu não fui embora pensando em voltar, não mesmo. Mas carreguei essa chave por todos os lugares em que estive, na carteira, dentro de um livro, no bolso de uma jaqueta... Cada vez que eu a encontrava, era como se um portal do tempo se abrisse diante de mim, as imagens vinham voando na minha direção. Então eu tratava de esconder ela em algum canto onde pudesse ficar perdida pra sempre. Semana passada eu estava revirando uns recortes antigos de jornal, buscando desesperadamente algumas respostas, quando encontrei a minha carteira de identidade, quase esfarelada. A chave de casa estava grudada nela.

Remo puxa uma cadeira e se senta na frente de Rômulo. Pega um dos livros e começa a folheá-lo.

RÔMULO

Trouxe pra vocês. Escrevi 23 livros nesses 20 anos que eu estive fora. Nos cinco primeiros eu só perambulei por ai. Dormi em muito sofá, pedi muita carona, lavei prato, entreguei pizza, estacionei carro, almocei muito cachorro quente... mas aprendi muita coisa também. Os escritores sempre foram meus grandes companheiros – Kerouac, Bukowski, Hemingway, Asimov...

REMO

23 livros... E eu não posso ler nenhum. Nem a mãe. Nem ninguém daqui.

Remo joga o livro de volta na pilha.

REMO

Foi isso que o feiticeiro te ensinou? “Vai, Rômulo, esquece sua casa, esquece sua família, esquece sua língua, esquece seu nome”.

RÔMULO

Você era tão inquieto quanto eu, Remo, tinha os mesmos sonhos, os mesmos desejos. A diferença é que fui eu quem invadiu o trailer do Sinai naquele tarde, você teve medo e preferiu ficar do lado de fora. Quando ele apareceu, você saiu correndo sem me avisar, me deixou lá dentro sozinho. Fui eu quem tomou uma surra da mãe quando voltou pra casa só de noite e fui eu quem decidiu continuar visitando Sinai, escondido. A nossa amizade podia ter sido sua também, se você tivesse tido coragem de me acompanhar, mesmo mentindo pros nossos pais.

REMO

Todo mundo tinha medo do velho do bosque.

RÔMULO

O velho do bosque era só um hippie sobrevivente dos anos 60, que resolveu estacionar seu trailer na cidade depois que a mulher morreu.

REMO

Todo mundo achava que ele era maluco, que tinha matado a própria mulher, que fazia feitiçarias...

RÔMULO

Eu também! Mas foi só conhecer Sinai de perto pra saber que essas histórias não passavam de lenda. Eu te falei as coisas que a gente fazia naquelas tardes, os discos que ele colocava pra eu escutar – Hendrix, Santana, Janis, Stones, Doors –, os livros que ele me fazia ler, as histórias que ele me contava de Amsterdã, Londres, Woodstock...

REMO

Eu achava que mais cedo ou mais tarde você ia acabar se dando mal.

RÔMULO

O que aconteceu naquele bosque durante aquele ano foi uma formação. O trailer do Sinai foi a escola mais importante que eu já tive na vida. E ele foi o meu maior mestre.

Remo se levanta, respira fundo, apóia os braços na geladeira, olha para o próprio braço.

REMO

Lembra do nosso pacto de sangue, Rômulo? A gente prometeu um pro outro que nunca ia se separar e que ia conhecer o mundo todo juntos.

RÔMULO

A gente tinha 13 anos...

REMO

Eu ainda tenho a marca do corte aqui no braço, ó, virou uma cicatriz. Você ainda tem a sua?

RÔMULO

Apagou com o tempo.

REMO

Apagou com o tempo... Claro. Sabe que durante um ano – ou mais – eu esperei um contato seu? Uma carta, uma mensagem secreta, um sinal de fumaça, qualquer coisa. Me imaginava recebendo um envelope pardo com aquela linhazinha enrolada, sabe?, cheio de dinheiro e com instruções de onde te encontrar. Até que um dia eu tive uma aula de mitologia e fiquei sabendo que Rômulo fundou Roma sozinho e matou Remo com uma pedrada na cabeça. Foi quando eu tive a certeza de que você não ia voltar pra me levar embora também. Aos 16 anos eu tive que largar a escola pra trabalhar na oficina. Tinha que ajudar o pai com os clientes, porque ele já não estava dando conta de tanto sofrimento. “Pai, por que o senhor não me deu o nome de Rômulo?” – era a pergunta que eu engolia todo dia diante do velho. “Eu não queria ser o irmão que leva a pedrada, pai, eu queria ser o fundador de um império”...

RÔMULO

Isso é só uma história, Remo, você não tem – não precisa – ficar preso a ela. Eu inventei um outro nome pra poder me transformar no escritor que eu queria ser; se você quiser eu posso te ensinar como...

REMO

Me ensinar?!

RÔMULO

Te mostrar – é o que eu quero dizer – Remo! As minhas experiências – a minha vida! – ela vem disso, das histórias, o mundo tem tantas histórias, se eu puder te contar um punhado delas, você vai entender o que eu quero...

REMO

Você não veio ensinar nada! Você não veio contar história nenhuma, nem compartilhar suas experiências do mundo. Você só voltou porque o seu sangue secou das veias. E não importa o quanto você ande pelo mundo, o seu tipo sanguíneo só existe aqui. Você roubou tudo o que a gente tinha quando foi embora e agora voltou pra roubar mais.

RÔMULO

Você tem razão, meu irmão, eu sou um ladrão, sim. Eu tenho que ser. Mas o que é que uma pessoa faz quando percebe que tem um dom? Joga no lixo? Durante essas minhas viagens, depois de bater cabeça por ai, eu descobri que eu era muito bom em alguma coisa, que eu tinha um talento e que eu podia viver desse talento. Cara, quando isso acontece é como se você tivesse tido uma revelação divina depois de passar 40 anos dando voltas no deserto! (T) Só que daí – e isso eu não sei explicar porquê – de uma hora pra outra tudo mudou. De repente eu simplesmente não sabia mais escrever. É como se... é como se você acordasse sem ser mais capaz nem de trocar o pneu de um carro, entende? Quando eu encontrei essa chave, entendi o que eu tinha que fazer: voltar pra casa. Voltei. Mas estava desesperado demais pra reaver o que era meu e isso me deixou cego e surdo. Demorei pra sacar que eu não precisava continuar tentando vender minha alma. Que eu só precisava abrir meu coração.

Rômulo entrega uma pequena caixa a Remo.

REMO

O que é isso?

RÔMULO

Abre.

Remo hesita, mas abre a caixa. Tira de dentro uma peça de metal.

RÔMULO

A borboleta do carburador; a peça que faltava pra sua moto funcionar.

REMO

Como você conseguiu?

RÔMULO

Dei uma rodada por ai procurando um hotel pra ficar até que eu decidi acampar no mesmo lugar onde ficava o trailer do Sinai. Hoje de manhã quando eu acordei essa caixa estava lá na porta da barraca. “O mundo dos espíritos não fecha suas portas”.

Remo coloca a peça de volta na caixa e a devolve para Rômulo.

RÔMULO

Por quê?

REMO

Eu vendi a moto. O novo dono ficou de passar aqui ainda hoje pra levá-la embora.

RÔMULO

Não faz isso, Remo.

REMO

Já está feito.

RÔMULO

Devolve o dinheiro, suspende o negócio!

Remo caminha para a oficina. Rômulo o segue.

REMO

Quando o velho do bosque apareceu aqui na oficina eu achei que ele vinha trazendo notícias suas. Mas ele só queria que eu consertasse sua Kombi. Enxotei ele daqui como não se faz nem com um cachorro de rua. Daí no jantar, a mãe disse assim: “Conserta a casa dele, meu filho. Deixa esse feitiçeiro ir embora de vez”. No dia seguinte eu fui até lá e falei que se ele quisesse eu faria o serviço. Ele não tinha dinheiro pra me pagar, mas disse que eu podia escolher qualquer coisa que estivesse dentro ou fora do trailer. A carcaça da Harley estava meio escondida entre um monte de ferro velho, mas dava pra ver que tinha valor. O velho sorriu pra mim com aquela boca desdentada e falou: “Boa viagem, garoto”. Depois disso foi assim: peça por peça, ano por ano. Um quebra-cabeças que aos poucos ia formando uma paisagem nítida: a América do Sul. Viajar de moto pela América do Sul... como naquele livro do Che que o pai leu e releu a vida toda. Esse passou a ser o meu novo maior sonho na vida.

RÔMULO

Então pega essa peça e termina o quebra-cabeças. Chegou a hora de completar sua paisagem.

REMO

Pra você é tudo mais fácil, Rômulo. Pra você não existem obstáculos, você não se importa com ninguém. Eu penso na mãe, penso na oficina, penso na Liza.

RÔMULO

Por que você e Liza nunca tiveram filhos, Remo?

Silêncio.

RÔMULO

Até nas Cordilheiras dos Andes existem fósseis marinhos.

REMO

O que você quer dizer com isso?

RÔMULO

Que no final das contas, a gente não é assim tão diferente um do outro.

Rômulo se aproxima de Remo, coloca a mão em seu ombro.

RÔMULO

Eu tenho um livro inteiro pra descobrir e escrever. O primeiro livro em que eu vou assinar meu verdadeiro nome e que você vai poder ler. Mas pra isso eu vou precisar passar uma longa temporada aqui em casa. (t)
Vai, meu irmão; vai fundar o seu império.

CENA 9

Na oficina a moto está descoberta e carregada com bolsas laterais para viagem.
Na cozinha, Liza está ajudando Remo a colocar a mochila – a mesma de Rômulo – nas costas.

LIZA

Quanto tempo você vai ficar fora?

REMO

É o tipo de viagem onde tudo pode acontecer. Mas eu volto.

Pausa.

REMO

Sabe, eu fiquei pensando... Quer vir comigo?

LIZA

Por que você está me convidando agora?

REMO

Eu só pensei que talvez você quisesse me ajudar a completar esse meu quebra-cabeças.

LIZA

Quando eu terminar de montar o meu quebra-cabeças a paisagem vai mostrar 20 mulheres da região ganhando seu sustento com o trabalho na cooperativa. Você vai ter uma bela surpresa quando voltar, a gente vai estar exportando roupas até pro Japão.

REMO

Cuida bem da mãe.

LIZA

Ela é minha funcionária mais talentosa.

Dona Rosália entra acompanhada de Rômulo.

REMO

Mãe!

Remo abraça Rosália.

REMO

Eu queria tanto ter certeza de que a senhora sabe o que está acontecendo.

Rosália tira um cordão do pescoço e o entrega a Remo.

REMO

Que isso, mãe?

ROSÁLIA

Estava morto e reviveu; estava perdido e se achou...

Remo guarda o cordão no bolso e beija a mãe na testa. Olha para Rômulo.

REMO

Melhor eu me adiantar.

Remo vai para a oficina. Liza e Rômulo o acompanham.

Rosália se senta com um novelo de lã e começa a tricotar.

REMO

Faz um favor?

RÔMULO

Pode falar.

REMO

Devolve o Chevrolet pra mim, está pronto pra rodar. Liza sabe quem é o dono.

RÔMULO

Deixa comigo.

Remo sobe na moto.

REMO

E se não for como eu imaginei?

RÔMULO

Nunca é.

Remo coloca o capacete. Dá a partida. O ronco do motor é firme e grave.

CENA 10

Liza, Rômulo e Rosália estão na cozinha. Liza e Rômulo tomam café, Rosália continua tricotando.

LIZA

Melhor a gente levar logo o carro antes que escureça.

RÔMULO

Se preferir me passa o endereço que eu levo sozinho.

LIZA

Não, tudo bem, é perto daqui.

Rômulo e Liza levantam.

RÔMULO

A gente já volta, mãe.

Rômulo e Liza caminham até a oficina.

Rosália se levanta, deixa o novelo e as agulhas sobre a mesa, pega o regador e o enche de água na pia.

RÔMULO

A chave?

LIZA

Remo a deixa sempre no porta-luvas.

Rômulo e Liza entram no carro. Remo mexe no porta-luvas e pega a chave, que está enrolada num papel.

RÔMULO

Tem um bilhete. "Agradece a Liza pela borboleta"... Como assim te agradecer?

Liza fica calada, pensativa.

Rosália atravessa a oficina em direção ao jardim carregando o regador.

RÔMULO

Liza?

LIZA

Então ele sabia...

RÔMULO

Sabia o quê?

LIZA

Fui eu quem deixou a borboleta do carburador na porta da sua barraca.

RÔMULO

Você?! Mas... Espera aí, isso não faz o menor sentido... como você arranjou a peça...?

LIZA

Mais ou menos há um ano atrás Remo conseguiu o contato de um colecionador nos Estados Unidos que tinha a borboleta original. Eu fiz toda a intermediação da compra, por causa do inglês. Quando a encomenda chegou, eu retirei ela nos correios e escondi. Eu disse pro Remo que a peça simplesmente não tinha sido enviada, que a caixa estava vazia, e que a gente tinha sido vítima de um golpe.

RÔMULO

Por que, Liza?

Liza sai do carro e se escora no capô. Rômulo faz o mesmo.

RÔMULO

Por quê?

LIZA

Medo. (t) Lembra que a gente tomava banho de rio sem roupa – todas as crianças juntas?

RÔMULO

Claro que eu lembro.

LIZA

E você lembra quando a gente parou de fazer isso?

RÔMULO

Não...

LIZA

A gente estava brincando de pique e se escondeu atrás de umas pedras que ficavam perto da cachoeirinha. Eu estava tagarelando alguma coisa, daí você ouviu um barulho e tapou minha boca. A gente ficou espremido entre duas pedras, um de frente pro outro, você tapando minha boca, as nossas testas encostadas, os nossos olhos grudados... Eu senti uma coisa aqui embaixo, como se um liquidozinho quente escorresse de dentro de mim... Uma sensação tão boa, mas tão esquisita que eu não agüentei e sai correndo. Depois desse dia nunca mais eu consegui ficar sem roupa na sua frente. E as brincadeiras começaram a ganhar outro sentido, eu só pensava em ir pra rua pra te encontrar e quando você não estava eu preferia voltar pra casa. A idade só fazia esse sentimento aumentar e logo eu entendi o que estava acontecendo. Quando a gente transou... Nossa, quando a gente transou... teve uma hora em que eu comecei a me arrepiar com o vento nos cabelos, com a grama roçando minhas pernas, com o pólen das flores polvilhando meus braços... O mundo virou uma sensação física inteira, completa, plena... (t) Dias depois eu soube que você tinha ido embora. Pra sempre. Passei anos tentando recuperar aquela sensação, com outros garotos, sozinha, mas era inútil. Fui estudar em outra cidade, me formei em veterinária, e quando eu voltei, reencontrei o Remo. Ele estava diferente, mais forte, mais sério, mais viril. Não foi difícil eu me interessar por ele, até porque, afinal de contas, era seu irmão gêmeo. E no começo era isso mesmo, o Remo pra mim era somente o seu irmão gêmeo. Mas apesar disso era completamente diferente de você. Demorei pra me desapegar da sua imagem e semelhança, mas aconteceu. E quando aconteceu, eu finalmente consegui me entregar e a nossa relação decolou de um jeito tão bom, tão maduro, com tanta segurança...

RÔMULO

Que você passou a ter medo que um dia ele também pudesse ir embora.

LIZA

Eu gelava toda vez que ele chegava em casa com uma peça nova pra moto.

RÔMULO

Remo passou esse tempo todo fingindo que acreditava na sua história de que a borboleta do carburador não tinha sido entregue.

LIZA

Porque sabia do meu medo.

RÔMULO

Ou porque ele também estava morrendo de medo.

Pausa.

LIZA

Vamos deixar pra entregar esse carro depois. Preciso de um banho quente e de uma boa noite de sono. Amanhã bem cedo a gente começa o adestramento do novo cão pastor.

Liza sai.

Rômulo caminha até a oficina. Olha tudo ao redor. Vê um velho livro jogado por baixo de algumas ferramentas, tira o pó da capa e a lê.

RÔMULO

“De moto pela América do Sul, de Ernesto Che Guevara”.

Ele se senta no banco de ginástica de Remo, abre o livro aleatoriamente e o lê.

RÔMULO

“A pessoa que está agora reorganizando e polindo estas mesmas notas, eu, não sou mais, pelo menos não sou o mesmo que era antes. Esse vagar sem rumo pelos caminhos de nossa Maiúscula América me transformou mais do que eu me dei conta...”

Rômulo fecha o livro, balança a cabeça e sorri.

FIM